

Joana Escoval

WIND DREAMS

Versão PT

**GALERIA VERA CORTÊS tem o prazer de apresentar WIND DREAMS,
a nova exposição individual de Joana Escoval na galeria.**

*The hero as bottle, a stringent reevaluation. I now propose the bottle as hero.**
—Ursula K. Le Guin

Em dezembro de 2021, a revista Time anunciou que Elon Musk tinha sido nomeado Personalidade do Ano¹. Do cimo do seu pedestal, este herói é a expressão do paroxismo desta corrida, já sem fôlego, em que a humanidade parece estar investida em tentar escapar aos perigos que aumentam de forma acelerada devido à visão do mundo de Musk, amplamente partilhada. Apesar dos atuais problemas ambientais, a ideia de “progresso” continua a ser imaginada a partir de inovações tecnológicas, impulsos expansionistas e histórias épicas em que os humanos tentam libertar-se das limitações terrenas, ao ponto de abandonar a Terra. No seu ensaio, “The Carrier Bag Theory of Fiction” (1986), Ursula K. Le Guin propõe que ultrapassemos este “modo seta-(mata)-tempo do Heroico-Tecnológico”, e que para isso é crucial redefinir “a tecnologia e a ciência como saco cultural primordial, em vez de arma de dominação”². Ela reflete sobre o facto do estômago ter sido o primeiro recipiente que possibilitou a sobrevivência da espécie animal.

1 “O homem mais rico do mundo não é proprietário de uma casa e tem vindo recentemente a liquidar a sua fortuna. Ele atira satélites para órbita e acorrentei-a o sol; ele guia um carro que criou que não usa gasolina e quase não precisa de condutor. Apenas com o movimento de um dedo, ele faz o mercado de ações subir ou descer. Um exército de devotos espera por qualquer coisa que lhe saia da boca. Ele sonha com Marte enquanto vai cavalgando a Terra, indomável e de queixo quadrado”, Molly Ball, et al., Revista Time, 27 de dezembro de 2021.

2 “If, however, one avoids the linear, progressive, Time’s-(killing)-arrow mode of the Techno-Heroic, and redefines technology and science as primarily cultural carrier bag rather than weapon of domination”, Ursula K. Le Guin. *The Carrier Bag Theory of Fiction*, 1986.

* [o herói como garrafa, uma rigorosa reavaliação. Proponho agora uma garrafa como herói.]

Ao possibilitar a recolha, proteção e circulação de bens entre indivíduos e comunidades, os recipientes devem ser considerados como a primeira tecnologia essencialmente humana. Em vez da seta, da espada ou do foguete, são a garrafa, o saco, ou qualquer outro recipiente que devem servir como *tecnologias vitais* para re-avaliar a nossa relação com a Terra, e mais além.

Toda a obra de Joana Escoval é permeada por uma meticulosa exploração da permanência, das interligações, e das sinergias que se formam num corpo de trabalho reduzido a componentes essenciais. Transitórias e delicadamente equilibradas, as suas esculturas convidam-nos a caminhar pelas margens da consciência humana, possibilitando uma percepção do nosso meio ambiente que é mais pressentida e experienciada do que observada. Com o título de um poema de Gu Cheng, esta exposição evoca o poder do vento estar em contacto simultâneo com todas as superfícies que vai tocando, traduzindo a sua pressão em movimento e som. O vento alcança o sonho supremo de ligar em unísono todos os corpos e superfícies terrestres. Mergulha-nos nas correntes discretas que fluem através de um sistema de “tecnologias vitais” compostas de esculturas de metal e barro beijadas pelo fogo. Desenraizados, (semi-)recipientes flutuam pelo espaço de exposição receptivos aos movimentos dos corpos pela galeria, às cadências combinadas das exalações, às rajadas repentinas causadas por uma porta, janela, ou algum interstício, à nota emitida pelo sopro que passa através de uma flauta modelando o vento, ou às energias imperceptíveis que abrem caminho pelos condutores de metal. A sala inteira é ativada pelo poder da corrente profunda e estável de respiração partilhada que perfura as paredes, tecto e chão. Fluindo, tremendo, vibrando, rajadas infra-finas combinam todas as partículas presentes no espaço da exposição, e para além dele.

O vento é um veículo ideal para carregar os elementos de uma narrativa de um recipiente para outro. As esculturas de barro foram feitas em colaboração com um mestre artesão, com terra que é cavada com habilidade no solo do Alentejo, onde Joana Escoval passou parte da sua juventude. Solos que, em anos recentes, têm sido assombrados mais uma vez pela intensificação da monocultura industrial. Como resultado, estas, são esculturas ligadas a uma região onde o solo tem perdido rapidamente os seus nutrientes devido à exagerada exploração. Algumas áreas tornaram-se símbolos contemporâneos de “matricídio” como conjeturado por Malcom Ferdinand quando descreve territórios profundamente destorcidos pelo colapso das ligações ancestrais entre humanos e a sua terra-mãe³. Estas considerações são recorrentes no trabalho de Joana Escoval, nomeadamente com *Beings that accept and embrace the growth of other beings* (2007 —) quando transplantou oliveiras centenárias do Alentejo para o Jardim Botânico de Lisboa. Antes parte de olivais, as árvores foram brutalmente desenraizadas para permitir a instalação de sistemas de produção intensivos. No Jardim Botânico, as raízes tiveram que se adaptar ao seu novo solo e o propósito da artista foi observar, numa perspectiva a longo prazo, a coexistência evolutiva destas árvores e do seu novo biótopo.

3 Malcom Ferdinand. *Decolonial Ecology: Thinking from the Caribbean World*, 2021.

Como um estômago, a terra precisa de nutrição constante para funcionar e para permitir que a flora deste biótopo se desenvolva e sobreviva. Através da porosidade da sua superfície não vidrada, estes corpos de barro evocam a capacidade de organismos vivos em se adaptar e se desenvolver suavemente nas suas cascas. Dependendo das condições, esta pele que respira pode tornar-se uma superfície propícia para líquenes, musgos, e outros micro-organismos. O vento anima um sistema em que cada órgão, cada ocorrência, e cada parasita ocupa um papel vital para manter a sobrevivência deste organismo. Uma biodiversidade que oferece um terreno fértil de onde é possível re-poetizar o mundo, segundo diferentes ritmos de crescimento. *Wind Dreams* faz parte deste desejo de redefinir e renovar a nossa percepção da Terra. Como um sonho que vislumbra a impensável complexidade que liga seres humanos e não-humanos à Terra, e mais além. Compõe um sistema de tecnologias vitais intemporais, não na projeção Prometeica, mas numa âncora essencialmente terrena, espiritual e não-heroica. Vinda do solo, servindo o solo, e regressando ao solo para a alimentar. Extinção e nascimento aparecem no mesmo fôlego.

Joël Vacheron

Joana Escoval (1982) vive e trabalha em Lisboa. A sua prática artística circunscreve-se nos campos visual e aural, na forma de escultura, caminhadas colectivas, instalações vídeo e materiais efémeros.

Uma selecção das suas exposições e projectos incluem: *I am Molten Matter* (exposição individual), Museu S.M.A.K., Ghent (2021); *Nothing is Lost. Art and Matter in Transformation*, curada por Anna Daneri e Lorenzo Giusti, Museu GAMeC, Bergamo (2021); *Strange Attractor*, curada por Margarida Mendes, Pavilhão Branco, Lisboa (2021); *Mutações. The Last Poet* (exposição individual), curada por Pedro Lapa, Museu Colecção Berardo, Lisboa (2020); *We do not work alone* (projecto individual), Fiorucci Art Trust HQ, Londres (2019); *11a Biennial D'Art Leandre Cristòfol*, curada por Julia Morandeira, Centre d'Art la Panera, Lleida (2019); *De Collectie (1). Highlights for a Future*, Museu S.M.A.K., Ghent (2019); *The sun lovers* (exposição individual), Tenderpixel, London (2018); *Transmissions from the Etherspace*, curada por João Laia, La Casa Encendida, Madrid (2017); *I will go where I don't belong / Volcano Extravaganza*, curada por Milovan Farronato e Camille Henrot, Fiorucci Art Trust, Stromboli (2016); *I forgot to go to school yesterday* (exposição individual), Kunsthalle Lissabon and Kunsthalle Tropical, Iceland (2016); *Lichens Never Lie* (exposição individual), La Criée Centre for Contemporary Art, Rennes (2016); *The lynx knows no boundaries*, Fondation d'Entreprise Ricard, Paris (2015); *Europe, Europe*, Astrup Fearnley Museet, Oslo (2014).

Ganhou o Prémio BES Revelação em 2012 (Museu de Serralves) e foi nomeada para o Prémio de Novos Artistas da Fundação EDP em 2015, em Portugal. Escoval recebeu uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação FLAD em 2013.

Entre outras residências, destaca-se a sua participação na Fiorucci Art Trust Residency em Stromboli (2015) e na RU em Nova Iorque (2013/14).

Em colaboração com o artista Nuno da Luz, editaram o álbum "Beasts of Gravity", um duplo LP lançado pela Vinyl Factory, Londres em 2019.

Joana Escoval

WIND DREAMS

EN version

GALERIA VERA CORTÊS is pleased to present WIND DREAMS, new solo exhibition by Joana Escoval.

*The hero as bottle, a stringent reevaluation. I now propose the bottle as hero.**
—Ursula K. Le Guin

In December 2021, Time Magazine announced that Elon Musk had been named Person of the Year¹. Standing on his pedestal, this hero expresses the paroxysm of the breathless race in which humanity seems to be engaged to escape the perils that his widely-shared vision of the world actively participates in worsening. Despite the current environmental upheavals, the idea of “progress” continues to be envisioned from technological innovations, expansionist impulses and epic tales through which humans attempt to break away from terrestrial limitations, to the point of abandoning the Earth. In her essay “The Carrier Bag Theory of Fiction” (1986), Ursula Le Guin proposes to overtake this “*time’s-(killing)-arrow mode of the Techno-Heroic*”, arguing that it is crucial to redefine “*technology and science as primarily cultural carrier bag rather than weapon of domination.*”² She observes that the stomach was the first container to enable the survival of animal species. By allowing the collection, protection, and circulation of things between individuals and communities, the recipients should be considered the first fundamentally human technology. Rather than the arrow, the sword and the rocket, it is the bottle, the carrier bag, or any other container that should serve as *vital technologies* for re-evaluating our relationship with the Earth, and beyond.

1 “The richest man in the world does not own a house and has recently been selling off his fortune. He tosses satellites into orbit and harnesses the sun; he drives a car he created that uses no gas and barely needs a driver. With a flick of his finger, the stock market soars or swoons. An army of devotees hangs on his every utterance. He dreams of Mars as he bestrides Earth, square-jawed and indomitable”, in Ball, Molly, et al., Time Magazine, 27 December 2021.

2 Ursula K. Le Guin. *The Carrier Bag Theory of Fiction*, 1986.

Joana Escoval's entire oeuvre is permeated by a meticulous exploration of the impermanence, interconnections, and synergies that take shape in a body of work reduced to essential components. Transient and finely balanced, her sculptures invite us to walk along the edges of human consciousness, enabling a perception of our environment that is more sensed and experienced than looked at. Named after a poem by Gu Cheng, this exhibition refers to the power of the wind to be in contact simultaneously with all the surfaces it touches, translating its pressure into movement and sound. The wind achieves the ultimate dream of connecting terrestrial surfaces and all bodies in unison. It immerses us in the discrete currents that flow through a system of 'vital technologies' composed of metal and clay sculptures kissed by the blaze. Uprooted (semi-)containers float in the exhibition space, receptive to the movements of bodies in the gallery; the combined cadences of exhalations; the sudden bursts caused by a door, a window, or a few interstices; the note emitted by the breath passing through a flute modulating the wind or the imperceptible energies channeling through metal conductors. The whole room is activated by the power of the deep and steady current of shared respiration that pierces the walls, ceilings and floors. Flowing, shaking, vibrating, infra-thin gusts combine all the particles present in the exhibition space, and beyond.

Wind is an ideal vehicle for carrying the elements of a narrative from one container to another. The earth sculptures are made in collaboration with a master craftsman from clay skillfully taken from the soils of the Alentejo, where Joana Escoval spent part of her teenage years. Soils which, in recent years, have been haunted again by the intensification of industrial monoculture. As a result, these sculptures connect with a region where the land has been rapidly losing its nutrients due to over-exploitation. Some areas have become contemporary symbols of 'matricides' as conjured by Malcom Ferdinand to describe the territories deeply distorted by the breakdown of the age-old connections between humans and their motherland³. These considerations are recurrent in Joana Escoval's work, notably with *Beings that accept and embrace the growth of other beings* (2007 —) when she transplanted century-old olive trees from the Alentejo to Lisbon's botanical garden. Once part of large olive groves, the trees were brutally uprooted to allow for the installation of intensive production systems. In the botanical garden, the roots had to adapt to their new soil and her purpose was to observe the progressive coexistence of these trees and their new biotope, taking a long-term perspective.

Like a stomach, the earth needs constant nourishment to function and to allow the flora of this biotope to develop and survive. Through the porosity of their unglazed surface, these bodies of clay evoke the capacity of living organisms to adapt and evolve softly on their shells. Depending on the conditions, their breathing skin can become a conducive ground for lichens, mosses or other micro-organisms. The wind *inspires* the system in which each organ, each occurrence, each parasite occupies a vital role to maintain the survival of this organism. A biodiversity that offers a breeding ground from which it is possible to re-enchant the world, according to different rhythms of growth. *Wind Dreams* is part of this desire to refine and renew our perception of the Earth.

3 Malcom Ferdinand. *Decolonial Ecology: Thinking from the Caribbean World*, 2021.

Like a dream that envisions the unthinkable complexity that binds human and non-human beings to the earth, and beyond. It composes a system of timeless vital technologies, not in the Promethean projection, but in an essentially earthly, spiritual and non-heroic anchor. Coming from the soil, serving as soil, and returning to a soil to feed it. Extinction and birth appear in the same breath.

Joël Vacheron

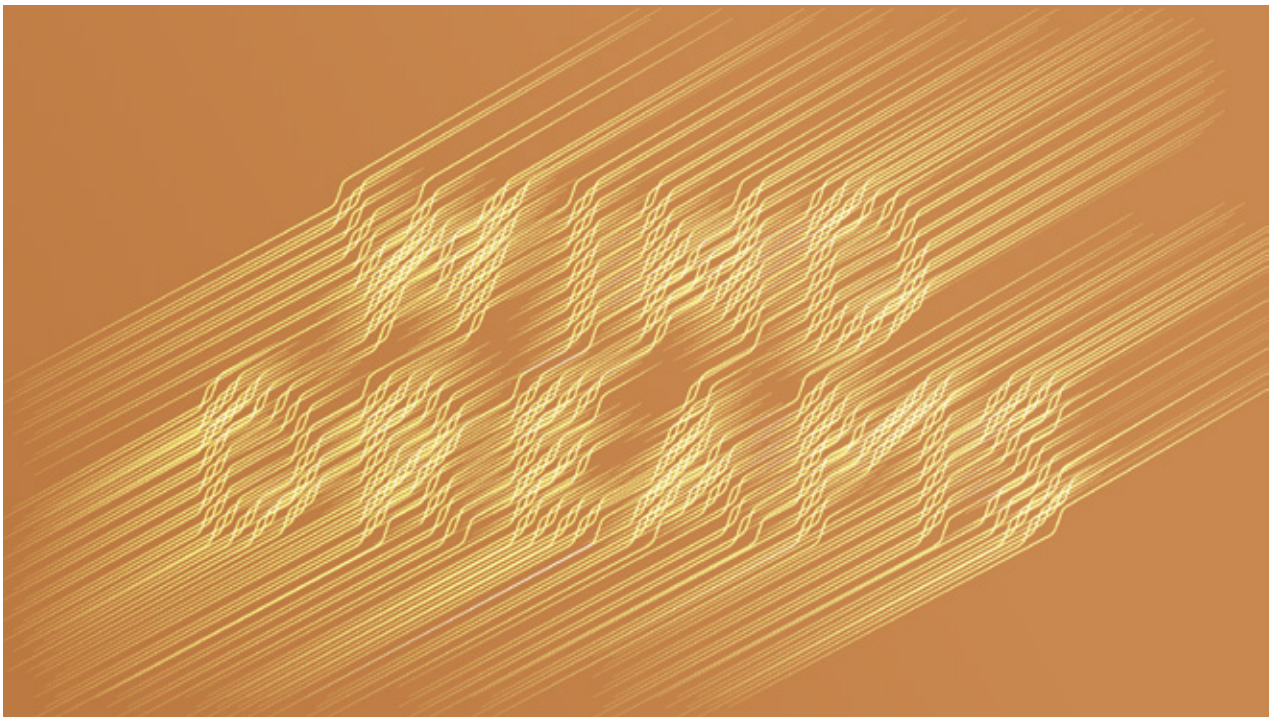
Joana Escoval (1982) lives and works in Lisbon. Her practice circumscribes both visual and aural in the form of sculpture, collective walks, video installations, and printed matter.

A selection of her exhibitions and projects includes: *I am Molten Matter* (solo show) S.M.A.K. Museum, Ghent (2021); *Nothing is Lost. Art and Matter in Transformation*, curated by Anna Daneri and Lorenzo Giusti, GAMeC Museum, Bergamo (2021); *Strange Attractor*, curated by Margarida Mendes, Pavilhão Branco, Lisboa (2021); *Mutações. The Last Poet* (solo show), curated by Pedro Lapa, Museum Colecção Berardo, Lisbon (2020); *We do not work alone* (solo project), Fiorucci Art Trust, London (2019); *11a Biennial D'Art Leandre Cristòfol*, curated by Julia Morandeira, Centre d'Art la Panera, Lleida (2019); *De Collectie (1). Highlights for a Future*, S.M.A.K., Ghent (2019); *The sun lovers* (solo show), Tenderpixel, London (2018); *Transmissions from the Etherspace*, curated by João Laia, La Casa Encendida, Madrid (2017); *I will go where I don't belong / Volcano Extravaganza*, curated by Milovan Farronato and Camille Henrot, Fiorucci Art Trust, Stromboli (2016); *I forgot to go to school yesterday* (solo show), Kunsthalle Lissabon and Kunsthalle Tropical, Iceland (2016); *Lichens Never Lie* (solo show), La Criée Centre for Contemporary Art, Rennes (2016); *The lynx knows no boundaries*, Fondation d'Entreprise Ricard, Paris (2015); *Europe, Europe*, Astrup Fearnley Museet, Oslo (2014).

She won the BES Revelação Prize in 2012 (Serralves Museum) and was nominated for the EDP Foundation New Artists Prize in 2015, in Portugal. She received a fellowship from Calouste Gulbenkian Foundation and FLAD Foundation in 2013.

Escoval participated in art residencies, including the Fiorucci Art Trust Residency in Stromboli in 2015, and RU, in New York in 2013/14 and Halfhouse, Barcelona in 2011.

In collaboration with the artist Nuno da Luz, they released the album "Beasts of Gravity", a double LP released by Vinyl Factory, London in 2019.



PRESS KIT